

Antonio RIGON, *Dal libro alla folla. Antonio di Padova e il francescanesimo medioevale*, (I libri di Viella, 31) Ed. Viella, Roma 2003, 288 pp.; ISBN 88-8334-053-1.

Antonio Rigon, professor de História Medieval na Universidade de Pádua, reúne neste volume 11 estudos centrados na figura e influência de António de Lisboa ou de Pádua, porque nascido em Lisboa por volta de 1195 e que morreu perto de Pádua, onde está sepultado, em 1231 e canonizado o ano seguinte. Dois dos estudos aqui publicados (5 e 11, cfr. Índice abaixo) são inéditos, tendo os restantes sido editados entre 1983 e 1997 em volumes de Actas e revistas ou colectâneas de estudos especializadas em história medieval ou do franciscanismo. Antonio Rigon resgata aspectos menos conhecidos da presença e influência de s. António na formação do minoritismo, porquanto os estudos antonianos se centram habitualmente ou no culto popular e na hagiografia, ou nos *Sermões* e seus problemas literários e doutrinários. Partindo da constatação de que António nunca refere Francisco, o fundador da ordem a que pertencia quando escreveu ou ultimou os *Sermões*, mas que Francisco lhe escreveu uma carta onde chama a António *Episcopus meus* e vale como reconhecimento do magistério teológico-bíblico do antes cônego agostiniano de Coimbra, Rigon tem procurado mostrar que s. António representa um fundamental elo de junção entre Francisco e o franciscanismo, entre o fundador e a Ordem: «ele foi, em muitos aspectos, o elemento de união mais importante: porque santo, porque clérigo, porque douto; e, portanto, em posição de representar na Ordem quantos tinham aceitado as suas transformações em sentido sacerdotal e tinham acolhido positivamente a plena inserção dos frades nas estruturas eclesíásticas e nos ambientes universitários» (p. 9). Como o autor mostra, após a canonização de António em 1232, foi a própria Ordem que conscientemente se preocupou em recuperar (em construir?) o “franciscanismo” de António, apresentando mesmo Francisco como seu mestre e através de António reivindicando o valor da cultura e dos estudos para a Ordem (p. 11). Assiste-se já em meados do século XIII a uma afirmação da identificação entre os Frades Menores e António, com reelaborações hagiográficas, a fixação do ofício do culto festivo, e outros textos de valorização, com representações iconográficas da sua vida e santidade que procuram sublinhar essa ligação que procura ver em Francisco o mestre de António, cuja santidade é complementar da do fundador, porque foi capaz de passar do estudo à pregação, de passar do Livro à multidão, de unir santidade e cultura (p. 11). Mas, esta reconfiguração é feita à custa da superação e esbatimento de alguns aspectos da vida e da obra de António que não estão em concordância com a *Regula bullata* de 1223 (que segundo A. Paolazzi, cit. na p. 11, é citada no Epílogo dos *Sermões dominicais*). Rigon resume exemplos suficientes para fundamentar a sua hipótese, que será explorada com rigor e erudição nos estudos aqui reunidos (p. 12): a concepção de s. António da teologia como pura exegese bíblica, seria superada pelos franciscanos de Paris com a legitimação do uso da filosofia e

da razão em teologia; a denúncia antoniana dos males da Igreja e o desdém moral pelos maus costumes prelados são mitigados na produção homilética franciscana sucessiva, nomeadamente em Sopramonte da Varese; mesmo alguns aspectos bio-hagiográficos (como a passagem de uma ordem para outra, a busca da solidão no interior da ordem, afirmações audazes sobre a visão beatífica ou o sacramento da extrema unção) foram reinterpretados para esvaziar qualquer perplexidade quanto ao pensamento de António. São estes elementos, «fragmentos do pensamento antoniano mais radical e dados biográficos mais inquietantes e incómodos» (p. 12), que o autor, sem lhes exagerar a importância mas também sem os reduzir à insignificância, recupera de textos proféticos ou visionários de trezentos, onde reemerge o António da polémica contra o clero e a defesa da pobreza de Cristo (cfr. estudo 5).

Os estudos estão reunidos em três secções que evidenciam os aspectos mais fecundos dos estudos antonianos: na primeira encontramos o próprio António e a sua influência imediata na emergência do franciscanismo e de um específico “minoritismo internacional e paduano” (cfr. estudo 1, releitura das fontes documentais e hagiográficas, com uma reavaliação do papel de António neste processo) e na sua influência em contexto universitário (estudo 2, sobre os “*Sermones* e como e porquê foram acolhidos como parte da cultura e da espiritualidade da Ordem), na homilética (estudo 3, com valorização das referências aos sermões e a António pregador em literatura menos conhecida ou inédita, em particular os paralelismos com os sermões de Sopramonte da Varese, o sucessor de António como provincial dos Frades menores na Lombardia), na iconografia (estudo 4, sobre a Tábua/quadro Bardi da Capela de S. Cruz em Florença), na primeira literatura espiritual, (cfr. estudo 5, já referido). Estes cinco estudos sobre António, a sua actividade minoritica e a primeira recepção do seu pensamento, apresentam dados novos que permitem uma revisão de aspectos fundamentais dos estudos antonianos mas, sobretudo, uma mais documentada e articulada interpretação da figura histórica do escritor e frade. Os estudos das duas outras secções não são menos marcantes.

Na segunda parte, reúnem-se estudos centrados na relação entre o culto de António e a cidade de Pádua, de que é patrono e onde a veneração popular e o apoio das entidades cidadinas a este culto começou ainda em vida do santo, com forte afirmação logo após a morte e se prolonga no tempo, como mostram os estudos 6, 7 e 8 (insere-se nesta parte o único estudo, o nr. 9, que não é sobre António de Pádua, mas sim sobre um outro António, o santo peregrino, também venerado em Pádua na segunda metade do século XIII).

A terceira e última parte é historiográfica. É recordada a importância das edições críticas para a renovação dos estudos antonianos, mas também de factos como a fundação da revista *Il Santo*, em Pádua em 1928, ou a proclamação de António como doutor da Igreja em 1946, ou o oitavo centenário do nascimento, celebrado por tradição em 1995. Rigon aborda as principais interpretações, particularmente em torno de questões debatidas

e controversas como António e o franciscanismo das origens, a conciliação do taumaturgo com o frade douto, a conformidade com Francisco, a dimensão mística da sua acção e obra, a pregação e a experiência pastoral, o modelo de santidade propagado pelas *vitae*, em que o distingue o caso de António face a outros é a desproporção entre a elevada presença de relatos milagrosos e prodigiosos e a escassez de dados biográficos (cfr. estudo 10). O último estudo, um dos dois inéditos aqui publicados, ocupa-se do contributo português para os estudos antonianos, revelando um bom conhecimento da mais importante bibliografia antoniana portuguesa e, sobretudo, o quanto esta tem merecido projecção internacional e acolhimento entre os antonianistas. Com justiça Francisco da Gama Caeiro, professor da Universidade de Lisboa falecido em 1994, é considerado o maior estudioso português do século XX sobre António de Lisboa/Pádua, não só pelas suas obras marcantes, como pela sua influência na formação de «uma escola que tem hoje em Maria Cândida Pacheco e em Agostinho Figueiredo Frias os expoentes mais aguerridos e na Universidade do Porto um centro de estudos que prossegue a actividade de investigação do mestre» (p. 235), para além de ter contribuído para imprimir aos estudos antonianos portugueses uma orientação preferencial para a filosofia. Acrescenta o autor: «é no âmbito da filosofia medieval e por específico impulso do Gabinete de Filosofia Medieval da Faculdade de Letras da Universidade do Porto que hoje florescem os estudos antonianos» (p. 235). São passados em exame os contributos de Gama Caeiro e Cândida Pacheco, mas também de António Cruz, José Mattoso, Aires Nascimento para o conhecimento da cultura coimbrã e portuguesa das origens, de Mário Martins, Geraldo Coelho Dias e Bernardino Marques, para o conhecimento da homilética de frei Paio de Coimbra. Historiador atento, Rigon não ignora que em autores como G. Caeiro, C. Pacheco ou A. Frias «batte un cuore lusitano», que lhes faz destacar o protagonismo do santo para a formação de uma identidade nacional, mas sublinha que «esta perspectiva dos historiadores portugueses não impede, da sua parte, a posição crítica dos problemas» (p. 241). Orientação que o autor constata no próprio programa Congresso internacional antoniano realizado em Lisboa, Coimbra e Porto em 1995 (onde aliás foi apresentado o estudo 3, também publicado nas respectivas Actas), no qual os organizadores fizeram emergir a «complexidade e a poliedricidade da figura e da obra do santo» (p. 242). O volume inclui ainda uma bibliografia de fontes e estudos citados, que constitui um minucioso instrumento de trabalho para o estudo do franciscanismo medieval e de António de Lisboa/Pádua.

Os estudiosos têm agora à disposição num volume rico e documentado os indispensáveis e excelentes estudos que nos últimos anos Antonio Rigon dedicou a António e à sua posteridade. As hipóteses e orientações de pesquisa que aqui são propostas marcarão certamente o desenvolvimento dos estudos antonianos.

INDICE: Premessa (pp. 9-15); Riferimenti bibliografici (p. 16); Cronologia antoniana (pp. 17-18). I. FRATE MINORE: 1. Antonio e il minoritismo padano (pp. 21-45); 2. António e la cultura universitaria nell'Ordine francescano delle origini (pp. 47-67); 3. La fortuna dei "Sermones" nel Duecento (pp. 69-88); 4. Antonio, Francesco, Ezzelino: ipotesi e testi (pp. 89-105); 5. Presenze antoniane nelle tradizioni dell'Ordine minoritico e nella cultura "spirituale" del basso medioevo 5.1. Antonio ed Elia. 5.2. "Illius ymaginem destruat": il supposto intervento di Bonifacio VIII per il mosaico absidale di S. Giovanni in Laterano. 5.3. Antonio sul noce e il papa angelico. 5.4. "Habeo unctionem intra me": Antonio nell'autobiografia di Opicino de Canistris. 5.5. Gli scritti antoniani nei testi degli Spirituali e dei Fraticelli' (pp. 108-131). II. SANTO CITTADINO: 6. La libera povertà. Antonio, frati Minori e società padovana del Duecento 6.1. Nel territorio. 6.2. Tempi e modalità d'insediamento. 6.3. Verso un minoritismo urbano. 6.4. Tra proprietari e usurai. 6.5. Il testamento di un maggiorente. 6.6. Minori e signoria. 6.7. Nel contesto del libero comune. 6.8. Verso la stabilità. 6.9. In contrasto con il clero (pp. 135-166); 7. Una deposizione testimoniale del beato Luca Belludi "socius" di s. Antonio (pp. 167-175); 8. Da "pater Padue" a "patronus civitatis" (pp. 177-189); 9. L'altro Antonio. Devozione e patriottismo comunale nella genesi e nella diffusione del culto per il beato Antonio il Pellegrino († 1267) Notizia sulle fonti (pp. 191-212). III. SPUNTI DI STORIOGRAFIA ANTONIANA: 10. "Vite" e vita di Antonio nella storiografia del Novecento (pp. 215-234); 11. Dall'istituzione all'intuizione. Il contributo portoghese agli studi antoniani (pp. 235-246); Fonti e bibliografia; Abbreviazioni. Fonti inedite. Fonti edite e studi (pp. 247-273). Indice dei nomi di luogo e di persona (pp. 275-288). Iconografia.

J.F. Meirinhos